Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

TRAGÉDIA / Após oito dias de buscas, Corpo de Bombeiros resgatou última vítima da lista de desaparecidos divulgada por familiares, após as fortes chuvas e deslizamentos que atingiram o litoral norte paulista em 19 de fevereiro

Com 65 mortos em SP, buscas chegam ao fim

Nelson Almeida/AFP



Equipes retiram último corpo soterrado pela lama na Vila Sahy, em São Sebastião

» TAINÁ ANDRADE

Oito dias após o temporal que causou a morte de 65 pessoas no litoral norte de São Paulo, 64 em São Sebastião e uma em Ubatuba, as buscas por desaparecidos foram encerradas. Ontem, a equipe do Corpo de Bombeiros anunciou que o último corpo da lista, fornecida por familiares das vítimas, foi encontrado. Por isso, os esforços se voltaram para as identificações e liberações para os sepultamentos.

A última pessoa encontrada foi uma mulher, ainda não identificada, sobre os escombros da Vila Sahy, bairro onde foi localizado o maior número de vítimas. No total, foram 65 pessoas resgatadas sem vida pelas equipes.

O último boletim, divulgado pelo governo de São Paulo, às 11h de ontem, contabilizava 55 corpos identificados e liberados para o sepultamento. São 20 homens, 17 mulheres e 18 crianças. Além disso, são 1.027 desalojados e 600 desabrigados. As primeiras 43 famílias que perderam as casas e os animais resgatados foram transferidos para um hotel disponibilizado por uma instituição financeira, fruto de parcerias feitas com articulação do governo estadual.

Ainda de acordo com os números fornecidos pelo estado, 26 pessoas foram resgatadas com vida e levadas para unidades de saúde da região. Destas, 11 continuam internadas no Hospital Regional de Caraguatatuba, com quadro de saúde estável.

Retorno a São Paulo

Apesar do alerta de risco da Defesa Civil, que previu pancadas de chuva forte, seguidas por raios e vento, o domingo foi de trégua na precipitação. Com a melhora nas condições meteorológicas e o encerramento das buscas, a partir de hoje o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), retorna ao Palácio dos Bandeirantes, na capital. Desde a semana passada, ele havia transferido seu gabinete para São Sebastião.

No entanto, o governador criou uma gerência estadual para acompanhar as atividades, até que todos os corpos sejam identificados e liberados para o sepultamento. Tarcísio se comprometeu a realizar visitas periódicas na região para acompanhar o avanço.

Mesmo sem acúmulos expressivos de água, o solo ainda continua úmido. Por isso, hospitais e a Defesa Civil mantêm a atenção em áreas mais vulneráveis, ao menos até hoje. Os trabalhos de conscientização dos bombeiros e policiais militares para que os moradores deixem as áreas consideradas de risco continuam.

A solidariedade no socorro às vítimas

» ANDREA MALCHER
» HENRIQUE LESSA

A tragédia na Vila do Sahy, localidade mais atingida pelas chuvas recorde que atingiram São Sebastião e todo o litoral norte paulista há uma semana, não pode ser contada apenas por números. É uma história repleta de rostos, vidas perdidas e o desafio da reconstrução.

Embora as chuvas não sejam uma novidade para o período, o volume recorde, somado à falta de investimentos em moradias fora das áreas de risco, assim como em sistemas eficazes de prevenção, dão um tom ainda mais dramático ao cenário.

O **Correio** conversou com moradores da Vila Sahy. Embora todo o sofrimento com as perdas, eles também falaram sobre o "milagre" de estarem vivos, conforme relatou a cabeleireira Christiane Santos, que afirma que "nasceu de novo". Acompanhe os relatos de três moradores sobre a madrugada e manhã do último domingo (19).

Cristiane Santana

A cabelereira Cristiane Santana dos Santos, 35 anos, é moradora da Vila do Sahy, em São Sebastião, há 12 anos. Natural da Bahia, define a noite de sábado, 18 de fevereiro, como a mais perturbadora da sua vida. "Sou moradora da Vila Sahy, na rua principal, onde as casas foram desabando e começamos a ver as primeiras vítimas sendo socorridas. Uma moça entrou na minha casa toda ensanguentada. Às 5h40 da manhã foi a hora que conseguimos sair de casa e foi uma tristeza total", conta.

Cristiane relembra, com precisão, o terror, que diz não conseguir tirar da mente. "Às 23h30 do sábado eu estava no salão, ainda trabalhando, quando começaram as fortes chuvas e não conseguia descer. O esposo de uma das meninas que estava trabalhando comigo subiu e ajudou a gente passar pela correnteza", recorda. "Às 0h17, a chuva começou a ficar muito forte e foi aquela correria, mas os barulhos de desabamentos começaram por volta das 2h20 da manhã."

Cristiane mora em um ponto alto da Vila do Sahy e decidiu socorrer as pessoas que deixavam suas casas. Com uma escada, as trazia para pontos um pouco mais seguros. "Eu ainda estou muito em choque. Eu não me machuquei, mas como ajudei muitas pessoas, estou sentindo muitas dores, mas a maior dor é a da mente, que eu não consigo desligar de ver os corpos passando", confessa. "Perdi minhas clientes. Eu perdi uma família com mãe, avó, filha e esposo, todos meus clientes."

Cristiane conta que presenciou uma vítima sendo resgatada, já sem vida, de uma das casas soterradas. Uma mulher, com o rosto ensanguentado, a abordou pedindo ajuda desesperadamente. Sua filha e mãe estavam debaixo de escombros.

Na tentativa de minimizar os impactos, diversos patrões cederam abrigos aos funcionários sobreviventes. Como Cristiane explicou, os moradores da Vila Sahy são, em grande parte, empregados domésticos ou trabalham em bares e restaurantes. O marido da Cristiane é vendedor ambulante e não estava em casa naquele momento. Eles só conseguiram se reunir novamente na última quinta, três dias após a tragédia, na casa cedida pelo patrão da mãe da cabeleireira.

Tiago Marques

Morando um pouco mais afastado da encosta, o técnico em eletrônica e segurança Tiago Marques, 37 anos, casado com Manuela Cerqueira, 34, vive na Vila Sahy há mais de duas décadas. Os baianos só souberam da tragédia quando Manuel, 54, pai de Manuela, acordou o casal antes das sete horas da manhã daquele domingo. "Até então, como lá em casa não entrou água, eu não tinha notado que era tão grave a situação", disse.

O sogro de Tiago pedia ajuda para socorrer um vizinho que estava com uma fratura exposta na perna. O homem foi transportado em uma cadeira por Tiago e outros vizinhos, que se esforçaram para vencer o barro e levá-lo até uma região seca. Em choque, a esposa da vítima também foi amparada pela comunidade. "Eu ajudei a colocar o vizinho na caçamba de uma caminhonete, mas a esposa dele estava em choque", disse o técnico.

Passado o primeiro susto, Tiago percebeu que, além da energia elétrica cortada, todos os sinais de celular estavam mudos, mas o técnico, usando seus conhecimentos, fez uma adaptação. Com o auxílio da bateria de uma parafusadeira, conseguiu ligar o modem e conectar a internet.

"Eu fiquei fazendo uma ponte. Comecei a olhar no grupo de WhatsApp, tinha muita gente pedindo para encontrar os parentes, aí eu ia no Verdescola (ONG da região que serviu de abrigo e centro de atendimento para os moradores), olhava quem estava por lá e depois voltava para casa para repassar as informações", lembra Tiago, que acredita que foi a primeira comunicação após a tragédia.

Ele recorda que passou todo o domingo procurando vizinhos e informando aos familiares. "Enquanto eu estava fazendo a ponte, a minha mulher foi para o ginásio ajudar no atendimento aos feridos. Quem fez o primeiro atendimento foi a comunidade, não teve bombeiro, os médicos chegaram às 15h", conta.

Bruna Souto

A massoterapeuta Bruna Souto, 23 anos, é caiçara de São Sebastião. Moradora da Vila do Sahy, vive com a mãe, o padrasto e a irmã. Não chegou a ouvir ou ver os deslizamentos.

Ao saber o tamanho da tragédia, se voluntariou no Instituto Verdescola, organização nãogovernamental que atua na região. "A gente ficou ajudando o pessoal na parte da alimentação, era o que estava mais corrido naquele dia. Muita gente desabrigada, o pessoal estava todo concentrado lá. Tinha muita gente ferida, todos estavam sendo levados para lá", relembra.

Inicialmente, de acordo com Bruna, o resgate ainda não havia chegado. "Estávamos nos virando assim: tinham enfermeiros do local e muitos carros que paravam na frente da escola pra ver o que havia acontecido, eram médicos de São Paulo. Os médicos estavam indo olhar e acabavam ficando por lá. Foi isso que ajudou bastante", revela.

A tragédia foi um baque inesperado, aponta a massoterapeuta. "A gente não espera que aconteça, sempre é em outras cidades, mas a gente não imagina que vai acontecer na nossa. Então, foi um baque muito grande. É preciso ter um psicológico bem forte para ver certas coisas."

"Quando eu cheguei à escola, as pessoas (mortas) ainda estavam sendo colocadas lá, junto às pessoas [que esperavam] para serem atendidas. Cheguei a ver tudo isso no primeiro dia", lembra.

Áreas com casas mais seguras para alugar são mais caras e as pessoas não se sentem confortáveis de permanecer na Vila. Para Bruna, será necessária muita união entre os moradores da comunidade para que a vida volte ao normal, principalmente porque muitos não terão para onde voltar.

"Agora, a gente precisa de união para conseguir ter uma vida normal. Metade da vila não vai poder voltar. Eu acho que, mais ou menos, umas 300 famílias", finaliza.

Arquivo Pessoal



Cristiane Santana ajudou nos socorros

Arquivo Pessoal



Tiago Marques foi a ponte de informações

Arquivo Pessoal



Bruna Souto destaca união dos moradores

JOHN KERRY

Agenda climática em Brasília

» VICTOR CORREIA

O assessor especial da Presidência dos Estados Unidos para o Clima, John Kerry, desembarcou ontem em Brasília e terá uma série de reuniões, até amanhã, com representantes do governo brasileiro. Kerry tratará, em sua estadia, sobre a parceria entre os dois países para o combate às mudanças climáticas. Ele não teve compromissos oficiais ontem, e passou a tarde em um clube à beira do Lago Paranoá.

Na manhã de hoje, Kerry vai ao Palácio do Itamaraty, onde terá uma reunião com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, com o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, e com a secretária-geral do Itamaraty, a embaixadora Maria Laura da Rocha. Após o encontro, haverá um almoço no local.

O assessor especial dos Estados Unidos também deve se encontrar com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com a ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e com o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante, além de parlamentares, representantes da sociedade civil e empresários.

A agenda de Kerry no Brasil vai até terça, quando embarca para a Cidade do Panamá, antes de voltar ao seu país. Em nota, a Embaixada dos Estados Unidos afirmou que o assessor "vai dar continuidade ao Grupo de Trabalho de Mudanças Climáticas Brasil-EUA, que os presidentes [Joe] Biden e Lula relançaram durante a reunião de 10 de fevereiro".

Ainda segundo a embaixada, o assessor especial tratará do combate ao desmatamento, avanço em direção a uma matriz de energia limpa e a construção de uma bioeconomia forte. Ações concretas que devem ser discutidas são a contribuição dos Estados Unidos ao Fundo Amazônia, anunciada por Biden, e os esforços dos dois países para cumprir as metas do Acordo de Paris.

Durante a viagem de Lula aos Estados Unidos, a cooperação em torno da agenda ambiental foi um dos principais temas. Biden confirmou que o país contribuirá com o Fundo Amazônia, em um valor que será definido com o Congresso Americano. Segundo a embaixadora dos Estados Unidos no Brasil, Elizabeth Bagley, Biden está disposto a intensificar a cooperação com o governo brasileiro no tema ambiental e vê em Lula um "forte aliado".